

FRANCISCO SOUSA FARIA DA SILVA

O SEGREDO DE
LEONARDO DA VINCI

coolbooks

O segredo de Leonardo da Vinci

Francisco Sousa Faria da Silva

Publicado por:

Coolbooks

www.coolbooks.pt

© 2017, Francisco Sousa Faria da Silva e Porto Editora

Design da capa e ilustração: Francisco Sousa Faria da Silva

1.ª edição: fevereiro de 2017

Coolbooks é uma marca registada da

Porto Editora

Email: info@coolbooks.pt

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.

Distribuição **Porto Editora**

Rua da Restauração, 365

4099-023 Porto

Portugal

www.portoeditora.pt

Execução gráfica **Bloco Gráfico**
Unidade Industrial da Maia.

DEP. LEGAL 421122/17
ISBN 978-989-766-102-0

**Este livro respeita
as regras do Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa.**



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

“O tempo é a imagem móvel da eternidade imóvel.”

Platão

I

Florença, o coração de Itália

No dia 21 de junho de 1616, a cidade italiana de Florença estava em festa. Por todo o lado desfilavam estandartes coloridos e as pessoas cantavam e dançavam e perdiam-se entre a multidão que enchia as ruas iluminadas pelo sol intenso do princípio da tarde.

Estava calor e no ar pairava uma brisa quente e abafada, não o suficiente para os populares ficarem retidos no fresco das suas casas.

Não era todos os dias que o rei de França visitava a República de Florença. Para muitos era uma oportunidade única para ver desfilar o cortejo real francês. Desde muito cedo tinham reservado o seu lugar em ruelas e em blocos de pedra de casas em construção. Os miúdos corriam espavoridos de um lado para o outro e gritavam muito alto para se fazerem ouvir no meio do alvoroço. Saltavam

e rodopiavam, atirando com a água das fontes uns aos outros em forma de brincadeira.

– Vêm aí os mosqueteiros! – gritaram em uníssono vários rapazes com espadas de madeira a dançarem nas suas mãos.

O cortejo entrou triunfante pelas muralhas da cidade. Palmas, vivas, gritos de alegria, tudo controlado pela guarda florentina. Os soldados estavam colocados estrategicamente e distribuídos pelas ruas do percurso da comitiva.

As carruagens seguiam umas atrás das outras de forma ordenada e os cocheiros, sempre atentos aos cavalos, conduziam com precaução.

O coche real vinha escoltado pelo corpo de mosqueteiros, vestidos com túnicas azuis, composto por valentes espadachins escolhidos a dedo. Um deles era Porthos, o mosqueteiro que seguia à frente da comitiva. Era um matulão de 20 anos com uma faixa vermelha atada à cabeça, razão pela qual tinha ganho a alcunha de “o pirata”. Vinha muito direito, sempre atento ao que o rodeava. Numa das varandas de uma casa de costura, distinguia-se um grupo de raparigas jovens que sorriam e acenavam para os mosqueteiros. Algumas brincavam com o facto de Porthos trazer uma faixa na cabeça. O jovem mosqueteiro tentou manter-se

concentrado mas, de vez em quando, lançava o seu olhar para as belezas empoleiradas nas varandas.

Mais atrás, alguns dos seus colegas cochichavam. Um deles chegou-se perto de Porthos e cavalgou ao seu lado durante alguns instantes. Chamava-se François Herblay e era um mosqueteiro elegante, com um bigode bem aparado que contrastava com o cabelo comprido que lhe caía em ondas sobre a face.

– São bem bonitas, as raparigas de Florença.

– Se não fosse mosqueteiro ia para alfaiate! – exclamou Porthos.

Depois, o matulão encheu-se de vaidade e voltou a lançar um olhar galã para as raparigas. Para sua tristeza e espanto, quem recebeu tal cumprimento foi uma velha rezingona, mal-encarada e com cara de poucos amigos. A mulher chegara entretanto e ordenara que as raparigas voltassem ao trabalho.

Herblay deu uma gargalhada quando Porthos desviou imediatamente o seu olhar da mulher.

– Aquela não estava ali há pouco.

– Não manches a honra dos mosqueteiros! – gritaram outros mais atrás a rirem-se.

– O quê!? – interrogou o mosqueteiro chateado.

Uma voz grave e severa, vinda de dentro do coche real, interrompeu a risota:

– Que se passa aí fora? Não quero brincadeiras em serviço!

Herblay aproximou-se da janela e tirou o chapéu de plumas da sua cabeça em sinal de respeito. Depois respondeu:

– Pedimos desculpa, senhor de Treville.

– Quero-vos atentos. Todo o cuidado é pouco.

– Certo, capitão – responderam os mosqueteiros respeitando assim as ordens do seu líder.

No interior do coche real, o rei Luís XIII, de 15 anos, vinha acompanhado pelo capitão dos mosqueteiros, o senhor de Treville, e pelo governador de Paris, o marquês d’Ancre, Concino Concini.

O senhor de Treville, capitão dos mosqueteiros do rei, era natural da Gasconha. O seu pai, amigo e companheiro de armas do rei Henrique IV, fora um valente soldado que morrera em combate. Sem fortuna ou heranças e com poucos tostões no bolso, o jovem Treville foi para Paris em busca de glória.

Não demorou muito para que este fidalgo da província fosse notado na Corte. Manejava a espada de forma notável e possuía a coragem de leão e a esperteza de raposa.

Homem justo e respeitado por todos, Treville era um dos melhores amigos do rei. Depois do assassinato de seu pai, o jovem Luís XIII criou um

destacamento de valentes espadachins para o proteger. A Treville ficou entregue a responsabilidade de liderar estes jovens ousados e muitas vezes criticados pelas suas atitudes de fanfarrões.

A verdade é que os mosqueteiros, por mais fanfarrões que fossem, tremiam de respeito com este gentil-homem de meia-idade e admiravam-no como um pai.

– Devo relembrar Sua Majestade que é da maior importância que este tratado de paz seja efetuado – disse o senhor de Treville. – A França não pode dar-se ao luxo de ter os Médicis como inimigos.

O rei franziu o sobreolho e esboçou um sorriso. Vestia de branco com rendas douradas e os cabelos escuros caíam-lhe pelas costas.

– Desde que Cosme de Médicis saiba qual é o seu lugar, tudo correrá bem – respondeu o marquês d’Ancre em vez do rei.

O marquês, Concino Concini, era de origem italiana mas foi para o reino de França na altura do casamento entre o rei Henrique IV e Maria de Médicis, mãe de Luís XIII. Concino era um homem de entre 45 a 50 anos, muito moreno, forte e de cabelos encaracolados. Trazia um farfalhudo bigode que se destacava em toda a sua figura, sempre vestida de rendas da mais alta qualidade.

– O rei de França não é um joguete de duques italianos – disse Luís XIII.

– A vossa rivalidade com Cosme é bem conhecida, Alteza – acrescentou o capitão dos mosqueteiros. – Mas é o futuro do povo francês que está em jogo.

– Bem sei, Treville – retorquiu o rei. – Já bastaram os sermões de minha mãe e as cartas de Richelieu a pedir-me prudência.

– Sua Majestade sabe muito bem o que tem de fazer – disse Concino para Treville. – Não se preocupe, senhor capitão.

O rei franziu novamente o sobreolho e concordou com Concino.

Na janela de uma das carruagens do final da linha da comitiva surgiu a cabeça de uma rapariga. Os seus olhos, pintados a negro, esbugalharam-se quando o coche entrou na cidade.

– Uau! – exclamou a jovem. Tinha 16 anos e era muito morena e de cabelos escuros e lisos. O nariz era um pouco empinado. Vestia de verde com rendas brancas nas mangas.

Deixou-se ficar ali durante alguns minutos e depois empoleirou-se na carruagem.

– Por favor, menina Elodie! – exclamou uma voz

vinda do interior. – Isso é perigoso. Se o senhor capitão de Treville, seu pai, a vê, vai ficar chateado.

– Desculpe senhora Hortense, estava a tentar ver...

– O mosqueteiro Porthos.

Elodie, assim se chamava a jovem, ficou vermelha como uma rosa e apressou-se a voltar para o interior da carruagem. O espaço era amplo e, para além da jovem, estavam mais cinco passageiros. Elodie, filha do capitão dos mosqueteiros, vinha acompanhada pela sua aia, Hortense, senhora de 65 anos, de cara redonda, coberta de rugas e de olhar expressivo e amável. Vestia de negro em respeito pela sua falecida senhora, Mélanie, mãe de Elodie e esposa de Treville.

Seguia também um casal de meia-idade, vestidos de forma faustosa e exuberante, um jesuíta e outra rapariga com a cara coberta pelas páginas de um livro.

Era jovem, de corpo magro e longos cabelos louros a caírem-lhe sobre os ombros. Vestia de tons azuis e rendas brancas. A rapariga vinha a ler *Utopia* de Thomas More.

– Deixa o livro, Clarick! – exclamou Elodie.
– Olha para estas pontes, palácios, igrejas! Vê! Quantas vezes é que já leste isso?

A jovem pousou o livro, revelando os seus olhos brilhantes da cor do mar. Sorriu ao mesmo tempo que os lábios finos e delicados fizeram duas pequenas covinhas na cara.

– Ainda não li as vezes suficientes – respondeu Clarick. A sua voz era suave e de dicção perfeita.

Elodie abanou a cabeça e apontou-lhe para a paisagem sumptuosa que se desenhava lá fora. A amiga seguiu o seu conselho e vislumbrou a cidade.

Parecia-lhe mentira que este dia tivesse finalmente chegado. Não via o seu amigo Richelieu há seis anos e agora estava a minutos de se reencontrar com ele. Vieram-lhe à memória imagens daquele jovem, então com 25 anos, e do dia em que a salvou. Clarick era uma órfã de 11 anos quando Richelieu a levou do submundo da Corte dos Milagres e lhe proporcionou uma vida nova na casa do seu mentor e mestre de armas, o senhor de Essarts.

Foram tempos tumultuosos e o reino esteve à beira do abismo. Se não fosse Richelieu e um grupo de bravos espadachins, a França estaria agora envolvida numa violenta guerra com Espanha. Depois, o promissor Richelieu partiu para Itália, o mesmo país onde estava agora, para ajudar a decifrar um plano inédito do famoso Leonardo da Vinci.

Por sua vez, Clarick mudou-se para o Vale do Loire com a sua preceptora e antiga noiva de Riche-lieu, Cecille de Essarts.

Há cerca de dois anos, a jovem rumou a Paris para ingressar na escola das aias da corte. Aí pôde aperfeiçoar o seu talento em várias áreas, como o desenho, música, canto, leitura e bordado. Apesar de tudo, o que Clarick apreciava verdadeiramente era a esgrima, equitação, leitura de obras mais revolucionárias e que a fizessem pensar e sentir-se viva!

Sentiu que na escola das aias não passava de mais uma boneca de porcelana. Pensou desistir mas não conseguiu dar esse desgosto à sua preceptora, Cecille de Essarts, uma das mais queridas e antigas aias de Maria de Médicis, a rainha-mãe.

Foi na escola das aias que Clarick travou conhecimento com Elodie e, depois de uns desentendimentos iniciais, as jovens acabaram por se tornar as melhores amigas. Curioso era o facto de a preceptora de Clarick ter sido uma grande amiga da falecida mãe de Elodie.

– A partir de agora somos como irmãs – disse Clarick estendendo a mão para Elodie no dia em que se tornaram amigas.

– Irmã! – exclamou Elodie entrelaçando os seus dedos nos da sua amiga.

Clarick voltou a si quando os gritos da multidão a chamaram à realidade. A comitiva estava a passar pela Piazza della Signoria, uma das mais famosas praças da cidade. O recinto era amplo, mas a multidão fazia com que se tornasse difícil a passagem dos coches.

Clarick observou os edifícios à volta, exuberantes, amplos e bem recortados. Do seu lado esquerdo estava o Pallazzo Vecchio, o antigo palácio da família Médicis, os patronos da cidade. Era uma construção magna de tons acastanhados, com muralhas e uma enorme torre que se elevava nos céus azuis de Florença. À frente desta edificação encontrava-se a famosa estátua de *David*, de Miguel Ângelo. A estátua, com mais de 5 metros de altura, retrata o herói momentos antes da sua batalha com o gigante Golias.

– Uma obra de arte magnífica! – exclamou Clarick.

Foi então que, de um momento para o outro, um tiro ecoou na praça, deixando todos sobressaltados e assustados.

Clarick tremeu de susto. Ouviram-se gritos e a

multidão, outrora ordeira, começou a correr em todas as direções.

– O tiro foi lá à frente! – exclamou Clarick dando uma espreitadela pela janela.

– Não consigo ver nada – acrescentou Elodie.

A senhora Hortense e os restantes passageiros tentaram indagar o que se passava, mas ninguém sabia ao certo.

– Está tudo à volta do coche real, senhora – disse o cocheiro para Hortense.

Clarick arregalou os olhos, saltou para a rua e correu para o local do acontecimento.

“Não é preciso ter olhos abertos para ver o sol, nem é preciso ter ouvidos afiados para ouvir o trovão. Para ser vitorioso precisa-se de ver o que não está visível.”

Sun Tzu

II

A máscara de vidro

Aconteceu tudo muito rápido e a maior parte das pessoas não viu o que se passou na realidade. De espada em punho, Porthos recordou o sucedido. O coche estava prestes a sair da praça quando um homem de meia-idade, sujo e imundo em carvão, se esgueirou pelo povo e correu até ao coche real. Empoleirado, gritou:

– Cuidado Majestade! A pólvora! A pólvora!

Luís XIII assustou-se, entendendo que o homem o queria matar. Por sua vez, Treville viu o caso de outra perspetiva e mandou parar o coche. Os mosqueteiros ajudaram o homem a descer da carruagem mas foi nesse momento que o estranho personagem foi crivado com uma bala mortal nas costas.

O caos instalou-se.

– Querem-me matar como fizeram com o meu pai! – gritou Luís XIII.

Os mosqueteiros posicionaram-se à volta do rei, com as espadas desembainhadas. Treville pediu a Herblay e Porthos para ajudarem o homem.

Caído no chão, amparado pelos dois mosqueteiros, o ferido ainda proferiu uma última palavra:

– Marachetti...

– O quê? – indagou Herblay.

– Marachetti – proferiu Treville.

Nesse instante, Clarick aproximou-se e olhou em redor, para os tetos das casas.

– Ali! – gritou a rapariga quando viu um vulto embrulhado numa capa escura no telhado de uma casa abandonada. A misteriosa figura empunhava uma pistola pela qual saía o fumo do disparo.

– Mosqueteiros! Às vossas posições! – gritou Treville.

Os mosqueteiros correram para o centro da praça e dispararam os seus mosquetes, mas apenas acertaram nas telhas das casas. O vulto tinha desaparecido.

Clarick levantou a saia e correu como pôde pela multidão na direção da casa onde o assassino tinha sido avistado.

Ao fundo, Elodie ainda gritou pela amiga, mas em vão.

– Aquela rapariga não tem emenda – disse Hortense.

Entretanto, no coche real, os ânimos ainda não se tinham acalmado.

– Mas o que é que se passa aqui!? – gritou Concino.

– É como lhe digo! – exclamou o rei. – Querem-me matar! Maldito Cosme.

Concino não conseguiu esconder um pequeno sorriso quando ouviu o rei a proferir aquelas palavras de ódio para Cosme II de Médicis, o patrono de Florença.

– Calma, Majestade – pediu Treville. – Não penso que esta bala fosse dirigida a si.

O capitão ordenou para que um grupo de mosqueteiros vasculhasse as ruas e depois deu indicação para a comitiva seguir.

– E agora? – perguntou Elodie a Hortense.

A velha senhora ainda pediu ao cocheiro para esperar mais um bocado, mas o pobre homem disse que não podia, visto que tinha de seguir a comitiva.

Hortense encolheu os ombros e disse:

– Ela vai lá ter quando se cansar de andar por aí, sabe-se lá atrás de quem.

– É melhor eu ir procurá-la.

– Nem pensar! – repreendeu Hortense.

Elodie encostou-se ao banco almofadado da caruagem e espreitou pela janela enquanto passava no local do crime. O seu coração bateu com mais força quando os seus olhos encontraram o mosqueteiro Porthos.

O rapaz nem a viu, pois estava mais preocupado em indagar junto dos guardas florentinos quem poderia ser aquele estranho personagem que disparara sobre o homem coberto de carvão.

Nesse momento, chegou à praça um grupo de cavaleiros vestidos de vermelho, todos eles com espadas na cinta. À frente vinha um homem, entre os 30 e 35 anos. Era moreno, de cabelos longos, entroncado mas elegante. Lançou um olhar de desdém quando viu a farda dos mosqueteiros do rei de França.

– Chegaram os fiorentis! – exclamou um guarda.

Os fiorentis eram a guarda de elite do grão-duque Cosme de Médicis que, à semelhança dos mosqueteiros, também era composta por espadachins dotados.

Os cavaleiros desmontaram e vieram para junto do guarda.

– Tenente Bassânio, ainda bem que chegou – acrescentou o soldado para o líder do grupo. – Os

mosqueteiros avistaram o Marachetti e precisam da vossa ajuda para o perseguir.

Bassánio franziu o sobreolho.

– Precisamos de fazer uma busca à cidade – disse Herblay.

Os fiorentis esboçaram um sorriso trocista.

– Os mosqueteiros não têm jurisdição nas ruas de Florença. Nós tratamos do assunto. Podem regressar para junto do vosso rei – respondeu Bassánio.

– Mas precisamos de encontrar o assassino – disse Porthos. – Se trabalharmos em conjunto podemos ter mais êxito na captura do bandido.

O líder dos fiorentis olhou-o por cima do ombro e respondeu:

– Qual foi a parte que não entendeste? Nós é que vamos tratar do caso.

– E tu que entendes tudo, qual foi a parte que não percebeste que os mosqueteiros juraram proteger o rei de França?! – exclamou Porthos com modos de pirata.

– Não estou a gostar do teu tom – ripostou Bassánio.

– É o único que tenho para um presunçoso como tu – acrescentou Porthos.

Os fiorentis levaram as mãos às espadas, gesto

que os mosqueteiros imitaram. Ambos os grupos desembainharam as lâminas, mas não se atacaram.

– Cuidado, mosqueteiros – disse o líder. – Podemos prender-vos a todos por desobediência.

– Quer ir mesmo para a frente com isto, tenente? – perguntou Herblay.

– Não me intimida, mosqueteiro. Controle melhor os seus homens – disse Bassânio, pensando que Herblay tinha galões maiores que os restantes.

– Calma – disse Herblay para os seus. – Vamos evitar o escândalo e retirar-nos sem mais atritos.

– Mas eles é que... – balbuciou Porthos.

– Não cedas, Porthos – cortou Herblay. – O senhor de Treville proibiu-nos expressamente de nos batermos pelo mínimo motivo.

– Não vês que é isso que eles querem? – acrescentou outro mosqueteiro.

Os fiorentis riram-se quando os mosqueteiros embainharam as espadas.

– Isso. Fugam, seus cobardes!

Os mosqueteiros, muito apreensivos com a situação, controlaram os seus impulsos e, depois de montarem os seus cavalos, cavalgaram na direção do palácio.

★

Clarick correu pelo meio da multidão. Passou por vielas lamacentas, enviesadas e estreitas até encontrar a entrada do local onde o misterioso atirador foi visto.

Era uma habitação de três andares, ainda em construção, escura e com um cheiro intenso a terra molhada. No espaço desfilavam pedregulhos e madeiras que condicionavam a passagem para os vários compartimentos.

A jovem pegou num martelo que estava no meio das ferramentas e esgueirou-se entre as tábuas. Pé ante pé, subiu pelas escadas de pedra, sempre atenta. O atirador ainda devia lá estar.

Quando chegou ao último andar, Clarick analisou o espaço. Estava silencioso demais para o seu gosto. Do lado direito destacava-se uma grande janela em arco com uma panorâmica magnífica sobre a praça. A jovem caminhou até lá e nesse momento estremeceu com um barulho na janela. De olhos arregalados e com o martelo em punho, espreitou para logo respirar de alívio. Tinha sido apenas uma pomba que pousara no parapeito. O pássaro levantou voo depois de ver Clarick.

Quando a jovem se virou, um arrepio forte percorreu-lhe a espinha. Por breves momentos, a rapariga ficou sem reação, de olhos esbugalhados e corpo



paralisado. À sua frente estava uma figura fantasmagórica. Era muito alto, com uma capa escura em volta do corpo e com uma espada presa no cinto. O misterioso personagem tinha a cara toda tapada por uma máscara de vidro espelhada.

A expressão de terror de Clarick refletiu-se na superfície da máscara, deixando a rapariga confusa e assustada. Sentiu-se fraca, como se estivesse prestes a adormecer. O martelo tornou-se cada vez mais pesado até não conseguir mais pegar nele. O vulto deu um riso maléfico quando a jovem levou as mãos à cabeça e caiu de joelhos sem forças.

– Que me estás a fazer?

O vulto debruçou-se sobre ela. O silêncio apoderou-se do espaço. Clarick sentiu que ele devia estar a sorrir, mas na face espelhada continuava a ver-se a si, o que a deixou ainda mais assustada.

– Isto não é nada comparado com o que possa acontecer a quem se meta no meu caminho – respondeu o misterioso personagem. A sua voz era muito grave, calma e concentrada devido à máscara.

Clarick fechou os olhos e quando os abriu o vulto tinha já desaparecido.

Atordoada, a rapariga juntou todas as suas forças e levantou-se. Dirigiu-se para a entrada da casa amparando as suas mãos contra a parede.

Saiu e deambulou por vários quarteirões, na esperança de encontrar o palácio.

Numa das ruas, viu um conjunto de círculos e esferas grandes, dispostas de acordo com o sistema solar. Era uma maquete em grande escala feita em madeira, usada para experiências de astronomia. No meio da multidão, Clarick vislumbrou um rapaz, muito possivelmente da sua idade. O jovem era elegante, moreno e vestia rendas brancas, colete e calças escuras. O rapaz estava a explicar a estrutura do universo ao grupo de pessoas que se juntara ali.

Quase sem forças, Clarick amparou-se na madeira da maquete e, depois de perder os sentidos, caiu, deitando tudo abaixo.

Alguns populares vieram em seu socorro, entre eles o jovem que conduzia a explicação.

– Estás ferida? – perguntou-lhe o rapaz, rodeado de gente, envolvendo-a nos seus braços.

Clarick esboçou-lhe um sorriso e, depois de o olhar nos olhos, desmaiou no seu ombro.